

## **EPOPEIA: A VERDADEIRA MORADA DO VERDADEIRO HERÓI**

**Clovis Gomes Correa Filho** (Letras – Português/Grego - UERJ)

bolsista de Iniciação Científica do CNPq)

**RESUMO:** O presente artigo pretende levantar questões acerca da figura do herói na epopeia homérica e suas especificidades. Baseando-nos na leitura de Gerog Lukács, mostraremos que tais singularidades só podem ser encontradas na narrativa de Homero, que pontua de forma decisiva os valores determinantes para as personagens da *Ilíada* e da *Odisseia*. Assim, somente o mundo da epopeia homérica, baseado na memória coletiva da comunidade e isento de ética individual, pode dar ao herói a bela morte de que fala Jean-Pierre Vernant, conferindo ao semideus glória imorredoura.

**Palavras-chave:** epopeia – herói – “bela morte”

Contrariando o psiquismo carregado das personas e figuras, os segundos planos abissais e mesmo uma lógica espacial de pensamento que dimensione o indivíduo, o teórico alemão, Erich Auerbach, declina de forma macia e perene o encantamento com que nos são apresentadas as personagens da epopeia homérica, vigorosa e inatingível em seu *corpus*, fulgurante em sua expressão “uniformemente iluminada”. Para Auerbach, “o que ele [Homero] nos narra, é a consciência” (p. 3, 1971). Existir, por si só, neste mundo, já descreve e sugere a real riqueza e profundidade humana, uma vez que os artifícios nítidos da memória – ainda que distantes – descrevem com exatidão a alegria pela existência sensível e nos apresentam tal panorama na narrativa. Esse compartilhar é que torna os poemas homéricos completamente livres de um engendramento audacioso, petulante e “pseudoaltaneiro”.

Diferente da intenção de Virgílio em sua *Eneida*. A hesitação de Eneias puxa e serve de empuxo para uma total desconstrução da figura do herói nos parâmetros gregos. O interesse em uma Roma nos moldes de Otávio Augusto, no que tange a idealização de uma nova sociedade, acaba distanciando ainda mais Eneias de um ideal helênico – a individualidade é marca patente para que em Eneias tenhamos uma ambivalência heroica. Como nos explica Georg Lukács, em seu clássico *A teoria do romance*, “o herói da epopeia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre é considerado traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade” (p. 67, 2000). O herói latino já figura em um mundo regido pelas leis individuais da ética e, continua o teórico húngaro, “A onipotência da ética, que põe

cada alma como única e incomparável, permanece alheia e afastada desse mundo” (idem, *ibidem*).

A debilidade de Eneias enquanto herói se apresenta na forma de piedade, algo impensável para Aquiles, por exemplo. O guerreiro latino quase deixa transparecer sua falta de objetivo e, de forma quase patética, aparece como reflexo disforme do ideal agônico. Eneias carrega consigo as marcas das angústias do homem comum e traz à baila questões acerca de como agir no mundo. A epopeia grega segue imune a tais questionamentos justamente porque “o caráter inacessível e inatingível de Homero – e a rigor apenas seus poemas são epopeias – decorre do fato de ele ter encontrado a resposta antes que a marcha do espírito da história permitisse formular a pergunta” (idem, p. 27, grifo nosso). Enquanto os heróis da *Ilíada* e da *Odisseia* mantinham suas energias focadas na glória imorredoura, Eneias hesita e é repreendido por Mercúrio, abandona Dido e deixa escapar por completo a figura de um verdadeiro herói. Lukács ensina-nos que, após Homero, os deuses abandonaram o mundo dos homens, e os heróis tornaram-se problemáticos. Eneias faz parte desse rol. Em Homero, diz ainda o teórico húngaro, “o transcendente está indissolivelmente mesclado à existência terrena, e seu caráter inimitável repousa-se justamente no absoluto êxito em torná-lo imanente” (idem, p. 45).

O brio de um guerreiro possui extremo valor na sociedade homérica. O combate decisivo - o desfecho triunfal da bela morte - não pode ser mensurado: é desejo ardente nos corações dos mais valorosos guerreiros. Foi assim com Heitor na *Ilíada*, sabendo que morreria pelas mãos de Aquiles. Acuado pela *moíra*, só lhe restou transformar sua morte na glória eterna, digna do brilho excelente de um guerreiro. “Não quero vil / e sem glória morrer. Algo de grande quero / aos vindouros legar” (*Ilíada*, 22, 304-5).<sup>1</sup>

Mas a bela morte grega por excelência é a do Herói de Pés Ligeiros<sup>2</sup>. Nele, contemplamos todas as contradições, ambiguidades e exigências do ideal guerreiro. Aquiles leva às últimas consequências a *timé*, a honra presente no mundo arcaico que Homero canta. Duas possibilidades de destinos que se excluam necessária e rigorosamente lhe foram dadas, como ele mesmo explica:

“Pés-de-prata, a deusa Tétis, madre, / me avisou: um destino dúplice  
fadou-me / à morte como termo. Fico e luto em Troia: / não haverá retorno para

---

<sup>1</sup>Todas as citações de *Ilíada* referem-se à tradução direta do grego de Haroldo de Campos (São Paulo: Arx, 2004), citada na bibliografia deste trabalho.

<sup>2</sup>Um dos epíteto de Aquiles, repetido com frequência na *Ilíada*.

mim, só glória / eterna; volto ao lar, à cara terra pátria: / perco essa glória excelsa, ganho longa vida; / tão cedo não me assalta a morte com seu termo” (*Ilíada*, 9, 410-412)

Entretanto, como era de se esperar, na condição de homem valoroso cumpre seu papel, poder-se ia dizer predestinado por natureza, e opta pela *kléosáphthiton*, glória imorredoura. Aquiles, o mais valente dos guerreiros, dono de um coração bravo, desumano e intratável, já nasce envolto na bruma favorável da glória eterna. Aquiles é uma personagem avessa ao *aidós*, o sentimento de reserva e moderação, que recusa a violência e a agressividade, atuando como uma espécie de trava – a timidez respeitosa que mantém o mais fraco distante do mais forte, sinalizando a inferioridade de um protagonista frente ao outro. Tais características não se aplicariam jamais a Aquiles. “A piedade, Aquiles aboliu-a / e a reverência, fausta ou funesta aos mortais”. (*Ilíada*, 24, 44-45), diz Apolo em uma assembleia dos deuses. Desprovido de *aidós*, não titubeia na escolha da glória eterna.

Todas essas características do melhor dos Aqueus<sup>3</sup> não são da ordem psicológica. Conforme esclarece Vernant (s/d), “Concerne menos a um traço particular do caráter de Aquiles que às ambiguidades de sua posição, ao equívoco de seu estatuto no sistema de valores próprios à tradição épica” (p. 34). Aquiles está convencido de ser um guerreiro invencível no que ele mais preza em vida: o *ágon*. Contudo, prossegue o helenista, naquele contexto, não existe “um único grego – nem mesmo troiano algum – que não partilhe da convicção de Aquiles e não reconheça nele o modelo incontestado da *areté* guerreira” (Idem), que “vai remoendo a ira” (*Ilíada*, 2, 769) em direção à bela morte.

As prerrogativas reais de combater na primeira linha – como o faz Aquiles – mostram os múltiplos aspectos e ambiguidades do vocabulário homérico em não fazer distinção entre as estirpes guerreiras no que tange a bela morte, uma vez que o prestígio social está em segundo plano diante desta gloriosa morte que emana um caráter “metafísico”, uma glória imorredoura que, “aoristicamente”, ultrapassa todos os horizontes da memória humana.

A excepcional valentia demonstrada no campo de batalha será a última, porém, indelével imagem a ser contemplada por mortais ou imortais em tempos imemoriais.

---

<sup>3</sup> Aquiles também era conhecido como o melhor dos Aqueus, ou seja, o melhor dos Gregos.

Para os *Andrés* (*anéres* em dialeto homérico), homens viris, na plenitude da juventude, da força e da coragem, essa é a maneira específica de morrer em combate, outorgando-lhes prestígio e honra: a *kalósthánatos*, a bela morte pela qual lutam os *áristoi*, os melhores guerreiros da aristocracia grega. A vida como preço de um *anèragathós*, homem valoroso que tomba em combate, opondo-se à covardia e à desonra, é, além de bela, *eukleès*, gloriosa, como o ápice da *areté*, excelência, mantendo o guerreiro vivo na memória por toda a duração dos tempos que virão. Como afirma Jean-Pierre Vernant, “Graças à bela morte, a excelência, *areté*, deixa de ter que se medir com outrem, de ter que se pôr à prova pelo confronto. Ela se realiza de vez e para sempre no feito que põe fim à vida do herói” (p. 32, s/d).

Para o guerreiro, a verdadeira existência não se encontra no simples fato de estar vivo, respirando, uma vez que viver sem a honraria de uma glorificação não pode ser considerada uma existência digna. A duração perene reside na glória de uma bela morte, onde não há espaço para indignidades obscuras, vergonha ou mesmo o silêncio de uma pacata trajetória. Não resta outra coisa senão almejar a tão cobiçada glória imorredoura, que verdadeiramente o coloca em patamar que escapa ao tempo e ao espaço e o eleva a dimensões inalcançáveis a homens comuns. A “presença heroica” torna-se marca indelével nas mentes e corações dos mais diversos povos e culturas.

Conforme nos mostra Erich Auerbach, o que permite tais características é a tensão em Homero, que se apresenta de forma falsa e debilitada, com distensão frouxa e pouco firme. Tudo nele se mostra em primeiro plano. Entretanto, a sua intenção, antes, é a apresentação de imagens idílicas, com uma narrativa de amplitude modulada e sutilmente conformada para o deleite do ouvinte/leitor. O preenchimento das cenas sempre é completo em todos os sentidos – tanto imagético quanto na construção das personagens. Este estilo singular sobressalta-se ainda mais quando confrontado a outros textos, igualmente antigos, igualmente épicos, mas surgidos a partir de outras realidades e outras sensibilidades, e com outras intenções.

Isso fica muito claro nas tragédias gregas. A figura do herói clássico – o ponto de fuga das epopeias, de onde saíam todas as perspectivas da narrativa – não passa agora de um vulto disforme-metamórfico, sombrio e manquejante. As opulentas qualificações das nobres estirpes guerreiras não são as de outrora, deram lugar a um novo estilo heroico.

É justamente com essa nova roupagem que Odisseu nos é apresentado na peça *Filoctetes*, de Sófocles. Um dia de desfaçatez – sugestão do próprio Odisseu à personagem Neoptólemo – seria uma eternidade inglória, repugnante e repulsiva para

suportar durante uma jornada de vida. Por isso, o filho de Aquiles opta por estar mais próximo do que seria a tal glória imorredoura, tão perseguida pelos heróis na Grécia Arcaica. Mas, ainda assim, todo aquele espírito da epopeia não mais podia ser exalado, ainda que uma leve aura estivesse presente em escritos posteriores. A linha do horizonte dos antigos heróis fora roída pelo novo e categórico pensamento trágico, e a tradição oral já havia sido contaminada.

Para o teórico alemão Walter Benjamin, a tradição da oralidade é “patrimônio da poesia épica” (p. 201, 1996). E é essa poesia que passa de geração a geração, através da memória, cuja narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Dessa forma, continua Benjamin, “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Idem, p. 205). O resultado é uma descrição bem ordenada e uniformemente iluminada - não para forçar um debruçar sobre o texto, mas na tentativa de funcionar como um aroma permanentemente fresco e suave, convidativo para o deleite de uma literatura suprapalatável.

#### Bibliografia:

##### Fontes primárias:

HOMERO. **Ilíada**. Tradução do grego de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução do latim de Manuel Odorico Mendes. Rio de Janeiro: Ateliê/Unicamp, 2005.

##### Fontes secundárias:

AUERBACH, Erich. “A cicatriz de Ulisses”. In: **Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Tradução de Suzi FranklSperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades; 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

VERNANT, Jean-Pierre. “A bela morte e o cadáver ultrajado”. Tradução de Elisa A. Kossovitch e João A. Hansen. In: **Revista discurso**. São Paulo, nº 9, p. 31-62.